FILMES QUE AMO
Lauro António

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 15 DE NOVEMBRO, DE 2021 - 19H00

MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO - (entrada livre)

AS PORTAS DO CÉU
Título original: Heaven's Gate
Realização: Michael Cimino (EUA, 1980)

O POLITICAMENTE CORRECTO E A FORMAÇÃO DOS EUA

Uma das ameaças que se faz sentir nos tempos modernos é essa ideia por vezes absurda do "politicamente correcto" adaptado a tudo e mais alguma coisa. Agora pretende-se julgar pelo presente todos os acontecimentos históricos do passado e, mais do que isso, responsabilizar os actuais por erros e desvarios de antepassados ancestrais. Veja-se a polémica gerada pela designação a atribuir a um possível museu dos descobrimentos. Quem rebate esse baptismo parece que quer mudar o rumo da história e introduzir nos costumes uma qualquer máquina do tempo que, permitindo voltar atrás, possibilite uma nova mentalidade nos homens de quinhentos. A verdade é que os portugueses nessa altura eram europeus e eurocêntricos, julgavam ser o centro do mundo e, para eles, "descobriram novos mundos". Esses mundos podiam já ser habitados, possuir a sua história própria, as suas culturas e artes, mas não foram eles que viajaram até à Europa e a "descobriram". O processo foi o inverso e foi desde sempre conhecido em todas as histórias como os descobrimentos dos portugueses, tal como aconteceu com espanhóis e mais alguns. Na época era assim que se viam as coisas e não é presentemente que se vai alterar o olhar da História sob pretextos completamente anedóticos. Claro que houve colonialismo, torturas, evangelização à força e tudo o mais que se estude e se explique. Mas mudar os nomes não altera nada, a não ser manifestar uma má consciência actual que, francamente, não lembra ao Diabo. Procurem antes tornar melhores as condições de vida na actualidade e não se preocupem em mudar a designação do que já existe e sempre foi assim. Assacar responsabilidades a indivíduos ou entidades do presente sobre acontecimentos do passado não passa de uma parvoíce sem justificação. Já se imaginou alguém em 2018 ser responsabilizado por um crime cometido pelo bisavô?

Mas precisemos melhor a terminologia. Há dias, entrei numa livraria, olhei capas e folheei vários volumes até me decidir por um que não me dizendo nada, me atraía. Comprei, levei para casa, li e entusiasmei-me com alguns dos contos. No dia seguinte, falei com um amigo e disse-lhe: "olha, descobri um livro excelente" e relatei a descoberta. "Descoberta"? sim descoberta minha, apesar do livro já existir há muito, ter tido críticas e leitores e tudo o mais. Mas eu descobri-o nessa altura. Na minha perspectiva descobri-o. Aconteceu o mesmo com os descobrimentos portugueses. Deixem de ser pacóvios e politicamente idiotas.

Nesse aspecto, há que reconhecer aos norte-americanos alguma inteligência e lucidez na forma como abordam a sua história nas artes, e neste particular no cinema. A história dos EUA está repleta de episódios de uma violência extrema, de uma crueldade gritante, de uma injustiça flagrante. Tudo isso eles vão colocando em filmes que não tentam de maneira nenhuma branquear a imagem do país, desde as lutas pela independência até à guerra do Vietname, desde as marchas pela igualdade racial até aos motins provocados pelos racistas. Nada é escamoteado, e não andam a mudar o nome às coisas para agradar a minorias iluminadas que tentam revisionar a História. Um bom exemplo desta mentalidade é "As Portas do Céu", de Michael Cimino, que aborda com frontalidade e coragem alguns aspectos extremamente incómodos da fundação do

país. Eles lá estão, com as designações que na época ostentavam. Ao público resta acompanhar os eventos e deles retirar as devidas conclusões. Mas não é mudando o nome que se muda o rumo da História. Nem sequer se atenua a má consciência de quem a sente.

AS PORTAS DO CÉU (1980)

Este é um western que se inicia por uma magistral sequência envolta numa grande ambiência musical. Estamos em 1870, em Harvard, no leste dos EUA, quando uma nova fornada de graduados sai da Universidade e parte à conquista do país.

A cidade de Cambridge está engalanada, como nos seus dias festivos, um jovem corre pelas suas ruas, ouve-se ao longe uma marcha e o rapaz, James Averill (Kris Kristoferson), atinge-a e integra-se no seu corpo. São alunos que seguem atrás da fanfarra. A manhã é esplendorosa, festiva, eufórica. À entrada da universidade cerram-se fileiras para a multidão penetrar pelos seus corredores, até atingir o salão nobre onde irá decorrer a cerimónia protocolar. O ritual inicia-se com o discurso do reitor, um Joseph Cotten bem-humorado e em boa forma, que exorta os alunos pelo exemplo de "uma mente cultivada e civilizada contra os desvarios da não cultura". Incita-os "à reflexão e à meditação", afasta-os da violência e anuncia a educação de uma nação como um ideal a cumprir. O porta voz do grupo de estudantes, William C. Irvine (John Hurt), com alguma irreverência e ironia, bate em tecla semelhante: "devemos aspirar a ser melhor ou a falar conforme as nossas capacidades?" Abordado o tema da mudança, opta por manter a boa organização.

Segue-se uma fabulosa sequência de bailado nos jardins de Harvard, que relembra outras vistas em grandes épicos como "E Tudo o Vento Levou", "O Leopardo" ou "O Padrinho". A harmonia parece lentamente dar lugar a uma certa violência juvenil quando é necessário "roubar" do alto do tronco de uma árvore ramos de flores que se destinam às namoradas ou às pretendidas, mas o que perdura no final é a defesa da honra e da amizade. William C. Irvine, todavia, tem uma frase profética: "Já percebeste? Acabou-se tudo". Esfumam-se os sonhos e as veleidades da juventude , com eles, os ensinamentos e propostas ouvidos na universidade. Corte.

20 anos depois, Jim Averill viaja para Oeste, de comboio, numa carruagem quase deserta. Mas nos telhados de todas essas carruagens amontoam-se centenas de pobres passageiros, muitos deles emigrantes em busca de terra e melhores dias. A América acenou-lhes com a esperança e o chamamento da terra da liberdade.

Corte brusco, estamos algures numa zona agrária, Estado de Wyoming, um casal de pobres refugiados acaba de abater uma peça de gado e prepara-se para recolher a carne, para matar a fome da família, quando surge uma sombra por detrás de um pano branco que atira a matar sobre o homem, cujo corpo se vai encaixar na estrutura esventrada da rês abatida. O pistoleiro segue caminho. Crime gratuito ou acção premeditada, justiça pelas próprias mãos?

Na cidade de Casper, Jim Averill encontra um velho amigo de infância que trabalha nas linhas férreas. Vai comprar mantimentos, fatos e armas e, na rua, emigrantes são espancados: "Voltem para donde vieram!" Está definido o cenário, o clima, o conflito. Algumas personagens também. Estamos no domínio da grande arte narrativa.

Importa, porém, impor aqui uma pausa para introduzir um pouco de História. "As Portas do Ceu" parte de acontecimentos reais que aconteceram no Estado do Wyoming e que ficaram conhecidos por Johnson County War, War on Powder River ou Range War, tendo decorrido entre 1889 e 1893. É um dos acontecimentos mais tristemente célebres da expansão das fronteiras, durante o período da conquista do Oeste. O que está na base desta terrível guerra? As causas imediatas sentiram-se um pouco por todo o Oeste durante este período, mas estratificaram de forma dramática em Wyoming. Inicialmente, alguns exploradores chegaram às terras virgens e apoderam-se delas, criando o seu negócio, essencialmente de criação de gado. Principalmente gado bovino e cavalar, consideradas espécies "aristocráticas", ao lado das desprezíveis ovelhas e cabras.

Mas o mais significativo foi o facto de esses produtores de gado se sentirem donos desse território e ditarem as suas leis. Eram brancos de origem germânica, na sua maioria, e tentaram desde logo marcar essa ascendência. Entretanto, foram chegando aos EUA vagas de emigrantes, oriundos sobretudo da Europa Central,

nomeadamente da Rússia e da Polónia. O Estado foi-os enviando para esses lugares, com um alvará de posse de terras, depois de ter divido o extenso território em parcelas. O que não agradou nada à Associação de Produtores de Gado, que resolveu primeiro ameaçar e depois intimidar os emigrantes que iam chegando. Como não conseguiram os resultados pretendidos, contrataram mais de uma centena de pistoleiros dispostos a disparar sobre tudo o que mexesse e partiram para uma execução sumária de uma lista negra de 125 nomes por eles organizada. Na eminência de serem dizimados, os emigrantes organizaram-se e opuseram-se às intenções dos liquidatários, numa batalha em campo aberto que ficou célebre pela violência da disputa e pelo número de baixas causadas de um lado e de outro. Afirma o filme. Há historiadores que afirmam o contrário, que a batalha nunca teve lugar, pois os pistoleiros se amedrontaram perante o número de emigrantes que se lhes opunha e refugiaram-se num rancho, até à chegada da cavalaria. Terminaria, pois, a contenda com a intervenção da cavalaria dos EUA, enviada pelo presidente Benjamin Harrison. Mas a verdade é que a acção dos produtores de gado teria tido inicialmente a cobertura do exército, e das autoridades, subindo até ao próprio presidente.

Este conflito marcou para sempre a Conquista do Oeste, e passou a ser relatado em livros e filmes. “As Portas do Céu” será o testemunho mais contundente, mas o episódio é evocado em obras como “Shane”, de George Stevens, ou “Jubal”, de Delmar Daves, para só citar dois títulos.

Vamos continuar no domínio da história, mas agora dos grandes estúdios de Hollywood. Michael Cimino, o realizador de “Heaven's Gate”, tinha acabado de triunfar em toda a linha com o seu magnífico “O Caçador”. Os estúdios abriram-lhe as portas para ele realizar como pretendesse o seu filme seguinte. Que veio a ser este de que nos ocupamos.

Em Novembro de 1978, assina-se o contrato, no valor de 11,6 milhões de dólares, entre Cimino e os estúdios da United Artists para a realização de “The Johnson County War” (assim se chamava inicialmente o filme). Com carta branca a obra deveria andar pelas 2, 30 horas e estrear no Natal de 1979. A realização iniciou-se a 16 de Abril de 1979, em Kalispell, no Estado de Montana. Tudo em exteriores naturais ou em cenários reconstruídos para o efeito (e que foram ao ponto de erguer uma cidade, só para o comboio a atravessar). Cimino é um perfecionista obsessivo, criticam alguns, demora eternidades a preparar e rodar um plano, e o filme começa a demorar eternidades, os custos aumentam diariamente e os prazos alargam-se. David Field, produtor executivo, impõe ao director novos prazos e novo orçamento, de 17,5 milhões de dólares. A rodagem só termina em Outubro de 1979, e o orçamento ultrapassa os 44 milhões de dólares.

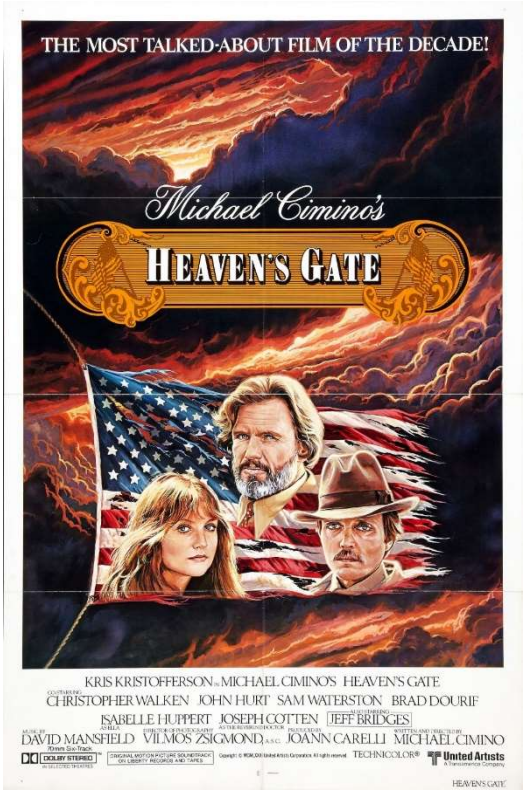
O material filmado atingia as 220 horas. A montagem foi demorada e a primeira versão final tinha 365 minutos (ou seja 5, 25 h) e foi projectada inicialmente em Nova Iorque, a 19 de Novembro de 1980, e foi um fracasso de público e de crítica. Uma semana em cartaz e é retirado, para Cimino ser obrigado a preparar uma nova versão, mais curta, de 149 minutos (a montagem que se estreia internacionalmente, também em Portugal). A recepção não foi muito diferente, e depois surgem novas versões, uma de 219 minutos, até que em 2012, a cadeia de televisão Turner Classic Movies propõe a versão integral do autor, de 216 minutos, que será a que é reproduzida depois em Blu-ray e exibida, finalmente, no festival de Veneza desse ano. Em triunfo.

Mas, pelo caminho, ficaram feridas abertas. A United Artists faliu, Cimino esteve seis anos sem conseguir colocar uma obra em estúdios que o consideravam um cineasta maldito. Depois desta obra não mais voltaria a ter as mesmas oportunidades, mas ainda assim realizou títulos como “O Ano do Dragão” (1985), “O Siciliano” (1987) ou “A Noite do Desespero” (1990), sem nunca perder o interesse, mas sem nunca igualmente atingir o brilhantismo de “O Caçador” ou de “As Portas do Céu”. Morreu recentemente, como 77 anos, a 2 de Julho de 2016, perante uma certa reabilitação crítica e de público, sobretudo o que teve acesso à versão definitiva desta obra polémica, é certo, mas que demonstrava igualmente uma forte presença de génio.

Se bem que inspirado em acontecimentos reais, o filme é uma recriação que por vezes se afasta dos verdadeiros contornos de personagens e acontecimentos. A começar desde logo pela personagem de Averill, que não seria um burguês bem instalado na vida que vemos, mas sim um proprietário de rancho, ou a de Ella Watson, também ela muito romanceada enquanto dona de um prostíbulo. Aliás, ambos foram enforcados dois anos antes da revolta de Wyoming. Mas o mais importante da história (e da História) mantem-se e as intenções de Cimino em revisitar este trágico acontecimento da génese dos EUA ficam bem patentes e terão sido, certamente, uma das razões porque os americanos não acharam muita graça a este desenterrar de esqueletos guardados nos armários da memória.

Cinematograficamente, “Heaven's Gate” é um triunfo da megalomania de um autor genial. Com tudo o que isso pressupõe. Este vasto painel histórico é-nos oferecido equilibrando grandes sequências envolvendo

multidões, como as cenas iniciais e o baile em Wyoming, para não falar das movimentadas e violentas cenas de confronto físico, com outras de um intimismo e de um lirismo invulgares. Basta recordar os dois bailes dados pelos emigrantes, o primeiro com um envolvimento de grupos humanos que emprestam um movimento de turbilhão, o segundo apenas com Averil e Ella Watson abraçados. Longo momento de um cinema contemplativo, como muitos outros que cortam a acção convulsiva deste western único.
Depois, a fotografia notável de Vilmos Zsigmond, a montagem inesperada de Lisa Fruchtman, Gerald Greenberg, William Reynolds e Tom Rolf, os cenários de James L. Berkey e Josie MacAvin, o guarda-roupa de J. Allen Highfill, a inspirada partitura musical de David Mansfield, tudo funciona na perfeição para que este título adquira a condição de épico. Também as interpretações de Kris Kristofferson, Isabelle Huppert, Christopher Walker, John Hurt, Jeff Brides, Joseph Cotten, Sam Waterson, entre muitos outros, se mostram à altura do empreendimento. Um filme brilhante, um olhar crítico e lúcido sobre a História da América, uma emocionante e vibrante obra de arte que ficará para sempre na História do Cinema.



AS PORTAS DO CÉU
Título original: Heaven's Gate
Realização: Michael Cimino (EUA, 1980); Argumento: Michael Cimino; Produção: Joann Carelli, Denis O'Dell, Charles Okun; Música: David Mansfield; Fotografia (cor): Vilmos Zsigmond; Montagem: Lisa Fruchtman, Gerald B. Greenberg, William Reynolds, Tom Rolf; Casting: Cis Corman, Tony Gaznick, Jane Hallaren; Design de produção: Tambi Larsen; Direcção artística: Spencer Deverell, Maurice Fowler; Decoração: James L. Berkey, Josie MacAvin; Guarda-roupa: J. Allen Highfill; Maquilhagem: Christine Allsopp, Thomas R. Burman, Verne Caruso, Ken Chase, Tom Hoerber, Mary Keats, Ben Nye, Jerry O'Dell, Connie Reeve, Ken Diaz; Direcção de Produção: Robert Grand, Denis O'Dell, Charles Okun, Peter Price, William Reynolds; Assistentes de realização: Andy Armstrong, Dennis Capps, Brian W. Cook, Richard Graves, Michael Grillo, Duncan Henderson, Terry Needham, Michael Stevenson, Ken Tuohy; Departamento de arte: Ragnar Antonsen, Gus Basso, Joseph D. Brady, Carmine Goglia, Jaymes Hinkle, Dick Kyker, Maurice Larson, Nancy Mickelberry, James F. Orendorff, Bob Sherwood, Alan Sims, Robert J. Visciglia Sr., James T. Woods, Tom Jung, William Ladd Skinner; Som: Richard Adams, Donald A. Bolger, Charles J. Bond, Arthur Carelli, Ken Dufva, Chris Jenkins, James J. Klinger, C. Darin Knight, Robert Knudson, Don MacDougall, Tom C. McCarthy, Gene Radzik, Winston Ryder, Curt Schulkey; Efeitos especiais: James Camomile, Stan Parks, Ken Pepiot, Samuel E. Price, Kevin Quibell; Companhias de produção: Partisan Productions, United Artists; **Intérpretes:** Kris Kristofferson (James Averill), Christopher Walken (Nathan D. Champion), John Hurt (William C. Irvine), Sam Waterston (Frank Canton), Brad Dourif (Mr. Eggleston), Isabelle Huppert (Ella Watson), Joseph Cotton (Reitor), Jeff Bridges (John L. Bridges), Ronnie Hawkins (Maj. Wolcott), Paul Koslo (Mayor Charlie Lezak), Geoffrey Lewis, Richard Masur, Rosie Vela, Mary Catherine Wright, Nicholas Woodeson, Stefan Shcherby, Waldemar Kalinowski, Terry O'Quinn, Jack Conley,Margaret Benczak, Jim Knobeloch, Erika Petersen, Robin Bartlett, Tom Noonan, Marat Yusim, Aivars Smits, Gordana Rashovich, Jarlath Conroy, Allen Keller, Caroline Kava, Mady Kaplan, Anna Levine, Pat Hodges, Mickey Rourke, Kevin McClarnon, Kai Wulff, Steven Majstorovic, Gabriel Walsh, Norton Buffalo, Jack Blessing, Jerry Sullivan, Jerry McGee, Cleve Dupin, Stephen Bruton, Sean Hopper, David Mansfield, T Bone Burnett, David S. Cass Sr., Paul D'Amato, Peter Osusky, Ivan Kormanik, Michael Christensen, Anatoli Davydov, Nina Gaidarova, Wally McCleskey, Gary Vezane, H.P. Evetts, Bruce Morgan, Bobby Faber, Judi Trott, Steve Holbrook, etc. **Duração:** 219 minutos (original cut), 149 minutos (1981 re-cut), 217 minutos (2012, director's recut), 325 minutos (final director's recut); Distribuição em Portugal: inexistente; Distribuição em Espanha (BluRay): M.G.M. Hollywood Classics; Inglês, com legendas rm Espanhal; Classificação etária: M/ 16 anos.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL| SEGUNDA-FEIRA, 22 DE NOVEMBRO, DE 2021

MASTERCLASS: FILMES QUE AMO 19H00 (entrada livre**)**

O TESOURO DA SIERRA MADRE

Título original: The Treasure of the Sierra Madre
Realização: John Huston (EUA, 1948); | **Duração:** 126 minutos | **M/12**